

In Limine

«(...) *nos vices et nos vertus ont des modèles grecs*»,
Marguerite Yourcenar, *Mémoires d'Hadrien*

Uma breve explicação é devida ao inaugurarmos os colóquios *Symbolon*. Para pensar fórmulas e conceitos que ainda hoje modelam, de modo mais ou menos reconhecível, a civilização europeia, a área de estudos clássicos do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos quis criar, em *sinal de reconhecimento*, uma ocasião de encontro com tradutores e investigadores que nos podem conduzir até aos *símbolos* do mundo moral, político e religioso da antiguidade greco-latina. Nesta primeira série de colóquios, reflectiremos sobre algumas ideias ético-retóricas que vieram a configurar, implícita ou explicitamente, uma *teoria* das emoções. Difundidas em muitos catálogos de virtudes e vícios, essas representações marcaram indelevelmente a vida intelectual do Ocidente; a título meramente ilustrativo, recordem-se a *tractatio* que oferece a primeira retórica latina sobre a tópica do discurso epidíctico, a leitura alegórica da *Eneida* praticada da Antiguidade até ao fim do período do Renascimento ou o modo como, a partir do séc. XIII, as artes de pregar reutilizam a antiga preceptística ético-retórica – a regra franciscana, como se sabe, recomen-

dará aos frades mendicantes que preguem *annuntiando vitia et virtutes, poenam et gloriam cum brevitare sermonis*¹.

Neste primeiro colóquio revisitaremos a madre antiga para observar como *eros e philia*, com a sua riqueza de sentidos e acepções, se reconfiguraram no *amor* e na *amicitia* dos latinos e deste modo procuraremos entender também como a filosofia moral e a teoria política, a literatura didáctica ou as artes da palavra recolheram as concepções de amor e amizade e as transmitiram sob variadas formas ao homem moderno.

Parecerá este um caminho batido, trilhado por muitos, lugar gasto no repisar de peugadas antigas – lembrem-se, por exemplo, os estudos de David Konstan e o seu último livro, *The Emotions of the Ancient Greeks* (2006). Mas, se a tópica, matéria de pedagogos, não corre riscos nem se afasta de paisagens familiares, também é verdade que provê, qual *clavis uniuersalis*, quem queira aventurar-se na arte de compreender e reconhecer: por isso, para cartografar a floresta, importa remontar às fontes.

Quando se contentou com a eficácia dos repositórios de exemplos e sentenças, ainda que potenciada em enigmas, emblemas e empresas, a pedagogia das belas letras reduziu o horizonte ao espaço abafado dos armazéns de Minerva. Mas nem nesses momentos se perdeu de todo a noção da natureza ancilar de tais recursos. Outras eram as sedes da invenção e entre essas avultavam com certeza as construções ético-retóricas que nos propomos tratar. Por isso, à noção de topos não convêm as metáforas modernas do clichê ou da chapa tipográfica, pois, como bem notou Goyet, na literatura *clássica* o uso pessoal dos *loci* permitia revolver, reelaborar e até reanimar o objecto de imitação (Goyet 1996).

Regressaremos, portanto, à madre antiga, mas em visita breve e parcelar. Faltam mestres que por força das circunstâncias não pudemos escolher. Sentiremos a ausência do *De amicitia* ciceroniano ou de um tratamento *ex professo* da teoria das emoções exposta no livro II da *Retórica* aristotélica. Luís Vives, por exemplo, recordando ao preceptor do príncipe quanto deve considerar as inclinações da pessoa que aconselha, recomenda no *De consultatione* (1523) que o discurso reflecta o que se captou do carácter do destinatário por forma a vincar a estima do aio ou mestre, pois a *fides* do discípulo *ex amore nascitur*.

¹ Vd. *Rhetorica ad Herennium*, 3. 6; Kallendorf (1989); Migne, PL 210, 111-198.

Aristóteles e Cícero comparecerão em próximas edições. Sirva então este nosso primeiro encontro de symbolon, de sinal de convívio que crie vínculos para outros momentos de partilha do saber que gera a *amicitia*.

Ao Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ao Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos testemunhamos o nosso reconhecimento pelos apoios prestados; aos Professores Carlos André, Delfim Leão, Frederico Lourenço e Maria Teresa Schiappa, que generosamente aceitaram vir falar de autores que tão bem conhecem, o nosso muito obrigado.